O DEMOCRATA

Semanário Republicano de Aveiro

(AVENÇADO)

ANO 40.º — N.º 1990

Sábado, 3 de Maio de 1947

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Coisas dos jornais e coisas locais

A VELHA URBE E A NOVA CIDADE

pelo Dr. Alberto Souto

A cidade de Aveiro tem hoje uma disposição mais ou menos triangular, assentando em dois planaltos separados pelo vale do Côjo e nos aterros marginais. A altitude desce de vinte metros a um metro. A exposição geral é a oeste.

As suas comunicações rodoviárias (como é moda dizer se do tráfego pelas estradas) fazem se por tres pontos que são os vértices do triângulo e que constituem as verdadeiras portas de entrada e saída pela via ordinária: do norte ou para o norte—passo de nivel de Esgueira; do sul ou para o sul—Guardas, Fonte dos Amoras; do poente ou para o poente—estrada da Barra.

Antes da linha férrea e das estradas abertas pela Regeneração, na monarquia constitucional, Aveiro era uma terra isolada, utilizando largamente a Ria para comunicar com o norte do País.

Do passo de nível de S. Bernardo (estrada para Oliveira do Bairro, Anadia, Mealhada, Coimbra-Lisboa) ao passo de nível de Esgueira (estrada para Albergaria, Sever, Viseu, ou para Estarreja, Ovar, Espinho, Porto, ou para Agueda, Caramulo) vão 1.800 metros. E' a linha férrea da C. P. que se não fosse o prestígio e acção de José Estêvão, nos ficaria muito longe.

Se do passo de nível de Esgueira tirarmos uma recta, também de 1.800 metros, para um ponto ideal colocado próximo da ponte da Dobadoira, ponte de S. Gonçalo, Estrada da Barra, e se daí traçarmos outra recta de 1.800 metros para o passo de nível de S. Bernardo ou para um ponto ideal intermédio entre esse passo de nível e as Pombas (Chalet Cardoso-Fonte dos Amores, princípio da estrada de Ilhavo, Vagos, Mira, Figueira, Lisboa e estrada de Arada, Palhaça, Cantanhede) e se, depois, curvarmos um pouco essas linhas, de forma a tornarem-se convexas, nós temos a cidade de Aveiro delemitada por um triângulo equilátero, de lados de 1.800 metros, com uma altura de 1.500 metros, aproximadamente.

Se a estação do Caminho de Ferro estivesse colocada onde está a Fábrica de Cerâmica Jerónimo Pereira Campos e se a Avenida Central Lourenço Peixinho fosse em direitura ao Rocio, a avenida corresponderia à altura do triângulo equilátero da figuração geométrica de Aveiro e representaria, ao mesmo tempo, a bissectriz do angulo superior do poligono triangular cuja base é a linha-férrea da C. P.

O canal do Côjo, Fonte-Nova, Agras, constitue, na realidade, essa bissectriz aproximada.

A cidade oficial já ultrapassou o passo de nível do norte e assimilou parte de Esgueira, mas isso não impede que no perimetro do dito triangulo, onde podem contar-se uns 135 hectares de superfície, se encontrem prédios rusticos ocupando uma área de 80 hectares ou seja quási 60 % do terreno que oficialmente é considerado como o chão da cidade.

O vértice do triangulo está voltado para oeste e encontra-se no domínio da Ria e das marinhas que com as suas águas em canais e esteiros, e em compartimentos fechados, limitam a cidade pelo norte e pelo ocidente.

A faina e a visão da Ria atrairam um certo número de construções e, por tal, se edificaram bairros populares sôbre o aterro da marinha do Rocio, ao longo do canal de S. Roque e para os lados dos Santos Mártires. Não é de aconselhar semelhante expansão, deixando-se a lavradio, a muros e quintalórios, o terreno bom, alto, firme, abrigado, higiénico e bem exposto dos planaltos e do interior a leste.

Houve um homem de grande iniciativa, que grangeara no Brasil uma apreciável fortuna e que veio aplicar em Aveiro os seus capitais, dando um louvável e meritório exemplo, e que se chamou Domingos João dos Reis, que construiu sobre os aterros de entre Alboi e Santos Mártires, um bairro popular magnifico—o bairro dos Santos Mártires—cujas casas arrendou a preços módicos e vendeu, depois, por preços muito acessíveis, aos seus inquilinos. Esta obra social não teve continuadores nem imitadores até hoje.

O bairro de Domingos dos Reis é o que se vê entre a rua da Liberdade, a Arrochela, o cais dos Moliceiros e o canal da ponte da Dobadoura, tendo no centro o vasto e lamentavelmente muito descurado Largo do Conselheiro Queiroz.

O conselheiro Queiroz era nem mais nem menos que o chefe liberal de 1828 e o avô de Eça de Queiroz, o grande escritor, cujo pai fundou em Aveiro o jornal *Campeão do Vouga*.

Se algum capitalista de Aveiro se abalançasse hoje a obra parecida, eu aconselharia a que evitasse as proximidades da Ria e a exposição aos quadrantes de norte e oeste.

* * *

As entradas da cidade, ao norte e ao sul, são péssimas. A impressão do visitante é desoladora. Ao sul, a Câmara do sr. dr. Sampaio macdamizou a avenêta que vai do jardim de Santo António à Fonte dos Amores, avenêta essa que a Câmara de Bernardo Torres rompera sobre uns lavradios conhecidos por Quinta do Grijó, embora pertencessem ao sr. Alfredo Luz, filho do Visconde de Valdemouro. Esta avenêta devia ter encontrado a estrada de S. Bernardo em vez de bater com a Fonte dos Amores.

Os veículos que veem das estradas do sul, da Bairrada e de Ilhavo, ao chegarem à Fonte dos Amores tomam naturalmente essa avenêta. A decepção, porém, é horrível quando, depois de passarem por muitos muros, chegam à rua do Passeio e esbarram com uma placa proibitiva que os deixa às aranhas e os obriga, depois de várias hesitações, a inflectir em ângulo recto, à direita, para contemplarem mais muros e terem de perguntar—*oh tio! oh tio!* por onde é que se vai?

A impressão é detestável e os comentários são o que há de menos lisongeiro. E' que as boas ou más impressões de uma terra não se colhem ao sair, mas ao entrar!

Quem entra pelos Guardas (antigas barreiras) e se mete em Cimo de Vila, recebe, tambem uma grande desilusão. A cidade, que tem fama de gentil e graciosa, apresenta ali um aspecto rústico, ínfimo e quási miserável, como apresentava há cincoenta anos.

Os muros e casas de modelo agrícola fazem as honras da entrada principal da cidade.

Não é melhor a impressão de quem chega pelo lado do norte. Entre o passo de nível de Esgueira e Sá quási tudo é mau, desde o piso da rua escalavrada, até ao deprimente espectáculo da Capela do Senhor das Barrocas, monumento este onde os vidros das janelas sofreram razia, tais os direitos de desrespeito, desacato e destruição de que tem gozado há anos, nesta terra, o rapazio deseducado e malfazejo, sem pais que o corrijam nem polícia a metê-lo na ordem. O próprio largo do Senhor das Barrocas está em completo abandono.

A inflexão para a esquerda, com algumas casitas regulares, não é grande coisa, mas suporta-se.

De resto tudo é mesquinho, acanhado e feito *à la diable* como numa aldeia ou vila sertaneja, a não ser na Avenida nova e nas ruas principais da cidade antiga, muito modesta aliaz.

As entradas da cidade estão a pedir uma remodelação completa ou uma total substituição para melhoria do trânsito e maior agrado da vista.

* * *

As ruas da cidade são estreitas e, em geral, perpendiculares umas às outras. Os largos e as praças faltam. As vias de acesso e de passagem conduzem ao centro das Pontes. A cidade congestiona-se ali e a Avenida de Lourenço Peixinho não resolveu este problema.

Quando uma grande camionete de carga com destino ao norte se mete no labirinto de Creta da freguesia da Glória, vê-se e deseja-se para se livrar dele. Se vem do sul e enfia por Cima de Vila abaixo e pretende seguir para o norte, encontra as maiores dificuldades.

A manobra para tomar a direita pela Rua do Rato é difícil. A rua é estreitíssima e os ângulos são de 90 graus. Surge pela frente outra camionete ou um carro de bois e o problema torna-se quási insolúvel. Tem de paralizar o trânsito, naquilo que há meio século parecia um largo e a que o povo chamava, mesmo, o Largo do Manuel Maria!

A camionete, então, deixa o desvio da Rua do Rato, desiste da Rua de Jesus onde, ao dobrar à direita, para tomar para a Fonte Nova, outras dificuldades a assoberbariam pela estreiteza das ruas que ali se cruzam, e segue rua Direita abaixo. Mas se tem a sorte de encontrar um carro parado, como muitas vezes está o carro da carne a abastecer os talhos, a camionete não pode passar.

Nem a camionete grande e pesada e carregada até à altura dos primeiros andares, nem um automóvel destes de luxo e grande estadão como os que agora circulam pelo País nas mãos de muitos milionários que a guerra engendrou. Camionete ou automóvel desce a Costeira e chega à Praça Luís Cipriano.

Praça Luís Cipriano, em honra do pai de José Estêvão, se chama, em verdade, o recinto que noutro tempo serviu de *Praça da Fruta* e que também nos parecia tão grande que até teve placas ajardinadas com várias palmeiras e um quiosque, o quiosque do bom Velariano que, com seus sorrisos e adeuses, dali comentava tôda a vida aveirense que lhe passava rente sem perigo de colisão nem risco de atropelo.

Hoje, porque muito amentou o movimento e porque os veículos medraram desconformemente, já não é praça senão no nome. O que aquilo é, é um perigosíssimo cruzadoiro de trânsito de sete vias e ruas que ali dão um verdadeiro nó gordio. E' o nó gordio do problema do trânsito nas Pontes que espera há muitos anos, e cada vez mais ansiosamente, que uma espada de Alexandre lhe dê o golpe decisivo.

Ora a espada de Alexandre que êste nó gordio da gravíssima complicação do trânsito precisa, é, em primeiríssimo e principalíssimo lugar, o desvio dos veículos pesados e de todos os veículos que, mesmo sem serem pezados, nada por ali teem que fazer senão complicar o trânsito obrigatório, isto é, o trânsito que necessáriamente por ali se tem de fazer, por serem ali as duas unicas pontes de ligação dos dois nucleos de concentração da cidade.

Ora êsse transito indesejável e excessivo só se pode desviar deste ponto crucial abrindo novas artérias por fora dos nucleos de concentração da cidade. E essas artérias teem de ser traçadas com amplidão, prevendo futuros aumentos de trânsito e de trafego, de forma a unirem muito directa e praticamente as duas estradas do sul com a estrada do norte, a entrada da Fonte dos Amores e Guardas com a saída de Esgueira ou vice-versa, e de forma a unirem também, essas duas entradas e saídas da cidade com a *estação de camionagem* que tem de se construir, e, ainda, com o mesmo centro da cidade, sem o congestionar mais.

O esquema que apresento como sugestão de um plano urbanístico, resolve êste grande problema, unindo as duas estradas do sul com a estação do Caminho de Ferro e com á estrada de Esgueira por uma avenida que partindo da proposta rotunda de S. Martinho-Olarias vá direita à estação, e por uma avenida, aveneta boa, nova *rua direita*, a estabelecer desde a mesma rotunda ao fundo da Avenida Central Lourenço Peixinho, com praça ou sem praça no ponto de confluência.

O plano da supressão das passagens de nível nem colide nem invalida o esquema em que há muitos anos penso; bem pelo contrário: ajusta-se e harmoniza-se com êle perfeitamente.

O dito esquema importaria a construção de duas novas pontes: uma sôbre o canal da Fonte Nova, ali entre S. Tomaz e a antiga quinta do Conde de Beiroz, e a outra nas trazeiras das actuais garagens Trindades ou suas proximidades.

Mas as pontes, além de uteis, são embelezadoras de uma cidade que se gaba de ter canais e podem tornar-se um dos nossos melhores moti-

A Imprensa da Província asfixia

E ninguem lhe acode! E ninguem inventa um remédio para a salvar!

Estamos fartos de o dizer, de o repetir, mas vá lá mais uma vez.

Todos sabem que a imprensa, os jornais, principalmente da província, veem sofrendo dificuldades progressivas nas condições económicas da sua vida. Foram, em primeiro logar, as imposições da organização corporativa que agravaram a mão de obra sem qualquer compensação. Veio depois o aumento astronómico do preço do papel e demais matérias primas que entram na confecção dos jornais. O preço e custo das publicações subiu, assim, espantosamente. Mas o preço das assinaturas e anuncios conservou-se quase o mesmo, pois a alteração sofrida não correspondeu, ficou mesmo muito áquem das exigências que nos fizeram. Criou-se, desta sorte, um desiquilíbrio que ameaça constantemento a vida da chamada pequena imprensa, sobrecarregada, ainda, com elevadas taxas postais e os serviços de cobrança, que também são de respeito. E' tudo, enfim. Sem nós o merecermos! Porque tem sido a pequena imprensa que mais há esclarecido, estimulado e auxiliado toda a obra do Govêrno, sem custar ao Estado nem dinheiro, nem canseiras. Essa obra realizada pelas cidades, pelas vilas e aldeias de Portugal, nem as autoridades a conhecem, nem o Govêrno a mede, nem ninguem a aprecia. E ela é rial, valiosa, profunda, porque esmaga na casca o ovo de baixas maquinações destinadas a desorientar o povo, a tornar odiosas as leis, a espalhar a duvida e o equivoco nas repartições, a envenenar a mentalidade dos amigos da ordem e da nação.

Em paga desses serviços, que teem custado à pequena imprensa sérios e dignos sacrifícios ocultos e contradições penosas, que recebe ela?

Eis a pergunta que continuará a ficar sem resposta.

No entanto, *O Democrata*, a-pesar-das perseguições que a sua independência lhe tem acarretado e com as quais há dispendido dezenas de contos, fóra o mais, ainda reage e perante a crise que a todos assoberba, faz a interrogação:

Até quando?

AVEIRO E A SUA URBANIZAÇÃO

Na Câmara Municipal — O caso da Caixa Geral de Depósitos

Estando na ordem do dia o plano de urbanização parcial da cidade, movimentam-se os seus habitantes que não concordam com a demolição dos oito prédios da Rua Coimbra (antiga Costeira) para no local ser edificada a filial da Caixa Geral de Depósitos, e por isso foi na segunda-feira à Câmara uma comissão representativa das fôrças vivas da cidade fazer entrega duma reclamação na qual se focam os inconvenientes que de tal obra adveem e prejuisos para os moradores e comerciantes do bloco de casas a demolir.

Leu o extenso documento o sr. dr. António Cristo, deputado da nação, que ainda fez sôbre êle várias considerações, terminando por solicitar do município a sua interferência no sentido do projecto não ter realização.

Em resposta, o sr. presidente disse que a Câmara já tinha aprovado o alargamento da Rua Coimbra, mas que reconhece os prejuizos causados aos moradores do local e os avalia, visto originarem determinadas complicações. Igualmente falaram os srs. drs. Artur Cunha e desembargador Melo Freitas, combatendo o projectado plano de urbanização por ir de encontro ao interesse geral dos aveirenses.

Por último usou da palavra o também deputado e presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro, sr. coronel Gaspar Ferreira, que reforçando e expondo com toda a claresa os motivos que devem interessar a qualquer plano urbanístico da cidade, disse:

—Eu não concordo com aquilo que se projecta fazer. E' preciso que se saiba que o plano de urbanização de Aveiro não pode, por princípio algum, ser dissociado do plano portuário. E, em verdade, áinda nem sequer foram fixados locais onde deverão ficar os futuros portos interiores de comércio e de pesca com as suas inerentes vias de acesso, como sejam linhas férreas e largas estradas para transito de mercadorias. Sem isso entende ser tudo fantasia quanto se anda a propalar, o que, todavia, não impediu ao orador de contestar algumas objecções feitas pelo sr. presidente do município.

Os aveirenses retiraram confiados em que a resolução do problema não os há de incompatibilizar com o que fôr justo, visto a seu favor e da razão que lhes assiste haver ainda muito que ponderar.

* * *

O Século, de terça-feira, num excelente fundo intitulado *Urbanisação*, que lamentamos não poder reproduzir na integra, insere os seguintes períodos, que veem a propósito do que se pássa em Aveiro:

«...fazer urbanismo é tarefa dificilima, que só pode ser assumida por especialistas dotados de raras e preciosas qualidades de inteligência, de cultura, de observação, de senso comum e, acima de tudo, pois, de conciliação amável e generosa, que evite todas as irritações e conduza áquele ponto morto onde todos os interesses se encontrem, não para se revelarem intransigentes, mas para se fundirem em holocausto ao interesse comum. Um urbanista que pretenda fazer triunfar os seus planos, as suas ideias e as suas concepções por processos violentos, cortando a direito sem atender aos prejuizos que causa e à perturbação individual e social que origina, nunca conseguirá nada de jeito.

Tem, fatalmente, de cincar, de bater em retirada, de se dar por vencido, tantas serão as reacções que lhe nascerão debaixo dos pés, de tamanha espessura se mostrarão as resistências que encontrará no seu caminho. Porque esta coisa que parece simples de se chegar a uma povoação e principiar a apontar para uma chacina feroz casas que são a única fortuna de quem as possui, só para se servir uma estética, tantas vezes discutível, representa na essência uma dolorosíssima tragédia para quem lhe sofre as consequências. Arrasam-se lares que se transmitiram através das gerações, mediante compensações quáse sempre irrisórias. Cortam-se laços familiares, a que o tempo e o hábito deram uma consistência que parecia inabalável. E provocam-se más vontades. que tudo aconselhava evitar para que a obra projectada pudesse chegar ao seu termo sem perdas irreparáveis para ninguém».

O artigo em referência fecha assim:

Urbanizar não é destruir. E', pelo contrário, ensinar a construir. No dia em que os urbanistas se compenetrarem disso, a sua missão, cumprindo-se em termos muito mais humanos, alcançará um prestígio que presentemente ainda não tem.

Muito bem.

A Pista Internacional de Remo em Aveiro

A exposição tão intempestivamente dirigida à Federação Portuguesa do Remo pela Comissão Municipal de Turismo da Figueira da Foz, sôbre o aproveitamento da lagôa de Quiaios para pista internacional de remo, mereceu daquele alto organismo desportivo a sua reprovação—como não podia deixar de ser—que sintetizou nos seguintes incontestáveis argumentos:

1.º—A lagôa de Quiaios não tem fundos suficientes que permitam realizar ali quaisquer provas;

2.º—A lagôa não tem a extensão necessária para regatas oficiais;

3.º—Está orientada no pior sentido dos ventos predominantes.

Isto, por si só, seria mais do que suficiente para extinguir, dentro da boa lógica, de insofismável coerência e a bem do desporto, qualquer veleidade que aquela Comissão possa alimentar em tal sentido.

Em contra-partida, porém, aos citados argumentos, Aveiro oferece os seguintes:

1.º—O Largo do Paraiso tem já os fundos mais que bastantes, sem precisar sequer das grandes marés de águas vivas, para poderem ali realizar-se quaisquer provas;

2.º—Tem já extensão mais do que a necessária para se estabelecer a pista de remo e por mais larga que esta seja;

3.º—A orientação em que a pista está projectada e deve ser feita, é a ideal para tais realizações.

Não sabemos o que a Comissão de Turismo figueirense contrapõe àquelas asserções, mas não será muito fácil rebatê-las leal e equitativamente. Segundo lemos, a sua réplica à Federação será *em termos que mais adequados lhe pareçam aos interesses da Figueira da Foz.*

Ora Aveiro manteve sempre e, por certo, continuará a manter por sua parte, as melhores relações de amizade e simpatia pela sua linda vizinha e, positivamente, ao reivindicar para si o direito de querer que seja aqui estabelecida a pista de remo, não quiz por forma alguma ferir-lhe os seus interesses.

A Figueira da Foz, que está já cheia de atractivos, conhecida por nacionais e estrangeiros, com boas ruas e avenidas, lindos prédios, grandes e cómodos hoteis, magnificos casinos, explendida praça de toiros, um grandioso estuário, uma atraente praia de banhos conhecida internacionalmente, com passeios e panoramas admiráveis, não pode ter receio de ver molestados os seus interesses, nem ver com maus olhos que Aveiro se bata pela instalação aqui da pista internacional de remo, a que tem incontestável direito, tanto pelas vantagens que a sua ria oferece para tal fim, como por pretender chamar forasteiros que a visitem e apreciem, da mesma forma que faz a Figueira, quer pela actuação gloriosa dos seus remadores, igualável à dos figueirenses e pelo incremento que tem dado a tal modalidade desportiva, quer pela situação geográfica em que se encontra para com os centros náuticos nortenhos e até da própria Figueira, que dista de Aveiro pouco mais de 50 quilómetros, por óptima estrada, distância ínfima para os actuais meios de transporte, em que a velocidade é a característica suprema da vida actual e principalmente da desportiva.

E Quiaios fica ainda, também, a alguns bons quilómetros da Figueira da Foz...

P. ALVARENGA

vos pitorescos e estéticos, desde que sejam elegantes e bem lançadas.

Quantas mais pontes sôbre os esteiros e penetrações da Ria na cidade, maior comodo para o público, melhor agrado para a vista, maiores facilidades para o trânsito e maior realce para o elemento essencial e carecterístico da nossa paisagem, que é a água da Ria.

Novas entradas para a cidade, novas praças, novas ruas ou avenidas e novas pontes, nos terrenos vagos e mal aproveitados, eis os elementos essenciais de um plano geral de urbanização que eu penso ser muito preferível a qualquer outro que implique a destruição de grande número de moradias e arruamentos dos nucleos estabilisados e tradicionais de concentração da antiga cidade.

Excursão açoreana

A bordo do *Lima* vem a caminho do continente a 10.ª excursão do arquipelago dos Açores, promovida pelo nosso colega *Açoreano Oriental* e dirigida por Ferreira de Almeida.

O número de excursionistas é, êste ano, apenas de 38, por dificuldade de transporte e ainda devido à falta de alojamentos em Lisboa por causa das festas que se estão a preparar. Na sua passagem para o norte, depois de assistirem, nos dias 12 e 13, às comemorações de Fátima, permanecerão um dia em Aveiro onde lhes será oferecido um passeio na ria e porvensura mais do que isso se o tempo de que dispozerem o permitir.

Cá os esperamos.

Concerto duma estrada

Foi concedido à nossa Câmara a comparticipação de 91.200$00 destinada ao concerto de que há muito carece a estrada de Verdemilho ao Bonsucesso, por onde, no inverno, era quase impossível transitar.

O que agora se torna necessário é que não demorem os trabalhos.

SEMANA DAS COLÓNIAS

Foi dedicada, este ano, ao Estado da India, tendo a Sociedade de Geografia de Portugal distribuido uma monografia, para auxilio dos seus colaboradores, escrita pelo sr. dr. Caetano Gonçalves.

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

GAZOLINA E PETRÓLEO

Nova baixa de preço se operou nestes dois combustiveis, passando o primeiro a vender-se a 3$10 cada litro e o segundo a 1$70.

Vamos andando...

Serviço de regas

Deixa muito a desejar, pois só o centro da cidade e pouco mais é que estão a receber êste benefício camarário.

O resto é votado ao desprêzo, dizem os moradores de outras ruas.

Carta de longe

Um novo assinante de *O Democrata*, escreve-nos:

Madrid, 17-4-947

...Sr. Arnaldo Ribeiro:

Faço sinceros votos por que gose óptima saúde assim como todos os seus.

Recebi ontem *O Democrata!* Não calcula como me pulsava o coração quando o tinha nas mãos! Devorei-o com a mesma ansiedade com que *chuparia* o caramelo mais rico do mundo! Tendo o *Democrata* em casa parece que tenho um pouco dessa bendita e linda terra, que Deus, com a arte mais subtil, idealisou e teceu. Não houve uma letra onde, com todo o carinho, não pousasse a vista!

Muito obrigado, Don Arnaldo!

Heide dizer-lhe algo sôbre esta terra—também linda—a capital de Espanha, onde tenho o meu lar. Se tivesse a honra de receber a sua visita, para o que, escusado será dizer, *tiene ud. aqui su casa*, estou certo de que lhe ouviria exclamar: *por tu gracia cortijera, yo tam bien te quiero, Madrid!*

Aqui, se não fôsse a saudade que sinto de Portugal e mui especialmente de meus queridos pais e irmãs e da Veneza, onde passei o melhor da minha mocidade, seria completamente feliz.

Madrid é uma cidade que se impõe aos tristes, onde tôda a gente ri e canta, onde tudo *és flamenco* e as mulheres possuem *un atre y gracia que les sal por tan*. Que lhe diria eu de Madrid?... E' muito antiga esta frase—de *Madrid al cielo*.

Permita que, com um forte e sincero abraço, lhe fique sumamente agradecido, o

H. P. G.

São, como se vê, desvanecedores os termos desta carta, a cujo signatário (omitimos o nome por ser particular) penhorados ficamos deante de tantas e tão expressivas amabilidades.

Valha-nos ao menos isso para compensar as agruras desta inglória vida da imprensa a que ainda estamos ligados, por nada haver que dela nos afaste.

Só por morte.

A que ninguem foge...

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, o sr. Amadeu Amador, da Casa Testa & Amadores; amanhã, o sr. João Rodrigues Testa, também sócio daquela importante firma comercial, e a sr.ª D. Maria Regina Sobreiro; no dia 5, o sr. coronel Amilcar Mourão Gamelas, comandante de Infantaria 10, e a menina Maria Magnólia, filha do sr. Joaquim Coelho daSilva, ausentes em Vila Pery (Africa Oriental); em 6, o sr. José Martins Arroja, funcionário da Câmara Municipal; em 7, o sr. tenente Jacinto Monteiro Rebocho; em 8, os srs. dr. Alberto Soares Machado, director clínico do Hospital da Misericórdia, Abel Gonçalves e Manuel Moreira Vinagre, guarda-livros da Fundição Aveirense, e em 9, a menina Elsa da Cunha Reis e José Rezende Génio de Lima, filhos, respectivamente, dos srs. Carlos Alberto Reis e tenente Barata de Lima, comandante da Secção do Guarda Fiscal da Nazaré.

Casamentos

Na igreja de Arroios, em Lisboa, efectuou-se no último sábado o consorcio da nossa conterrânea D. Maria Manuela Lopes da Silva, interessante filha do industrial sr. Manuel da Silva, com o sr. alferes Henrique Valério Monteverde da Silva, de Caçadores 5.

Assistiram alguns convidados, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, sua mãe a sr.ª D. Concelção Lopes da Silva e o sr. Carlos Pinto da Silva, e pelo noivo, seus pais sr. Henrique Valério da Silva e esposa.

Depois da cerimónia foi servido um abundante lunch, tendo os conjuges, a quem foram oferecidas valiosas prendas, seguido para Sintra em viagem de nupcias.

Desejamos-lhes, como são merecedores, devido aos predicados que reunem, um futuro venturoso.

Partidas e Chegadas

Cumprimentámos nesta cidade os srs. brigadeiro Maçãs Fernandes, professor do Instituto de Altos Estudos Militares de Caxias e antigo comandante de Infantaria 10; dr. Armando Vidal, estudante de Direito da Universidade de Coimbra e filho do nosso saudoso amigo dr. Lucio Vidal, e Albano Duarte Silva, residente naquela cidade.

—Também aqui esteve o sr. Eduardo Simões, empregado nos caminhos de ferro na Sernada.

Doentes

Partiu para a Suissa o nosso simpático conterrâneo Manuel da Cruz, que oxalá consiga debelar o mal que o tem torturado.

—Encontra-se um pouco melhor o nosso velho amigo João Vieira da Cunha, da livraria que tem o seu nome.

Estimamos.

Data histórica

Por se completarem hoje 447 anos sôbre o descobrimento do Brasil, é feriado nas repartições públicas, casas bancárias, etc., que por isso se encontram encerradas.

Feira de Março

C'est fini—acabou, rematando com o Concurso Pecuário, no domingo de tarde, e com o festival noturno promovido pelo *Sport Club Beira Mar* em que tomaram parte 7 componentes do teatro ligeiro, muito do agrado do público, que aplaudiu o espectáculo e ficou para o fogo... Este, porém, deixou muito a desejar, pois o aquático, queimado no Canal, nem meteu vista nem se prestou a que devidamente fosse apreciado por falta de espaço e dar logar a correrias por parte dos espectadores, cujas indumentárias corriam sério risco. Só a cachoeira escapou, embora pobresinha, e o *bouquet* da primeira noite. O resto coisa vulgar, vulgaríssima mesmo, incluindo os foguetões estrondosos, à moda da aldeia, quando anunciam aos povos circunvisinhos as suasfestas, que na cidade não é preciso...

E pronto. Temos dito, esperando que no ano de 1948 a tradicional feira do Rossio se apresente com melhor aspecto e se imponha à simpatia de toda a gente.

O TEMPO

Agora, sim. Depois de certa data em diante os dias têm-se sucedido primaveris. E houve-os que até foram mais além, podendo-se classificar de primaveris avançados...

Sem serem, todavia, esquerdistas...

Mas isto foi em Abril. Porque ante-ontem e ontem, já em Maio, no mez das rosas, voltámos atraz—como se fossemos errados...

Pelo Teatro

Vem a Aveiro dar dois espectáculos na segunda e terça-feira da próxima semana a Companhia de que faz parte a conhecida actriz Mirita Casimiro e na qual colaboram Alberto Chira, Maria Cristina, João Pio, Octávio Bramão, Domingos Marques e outros elementos.

Representará na primeira noite a revista *Sempre em Pé* e na segunda o *Tiro-Liro*.

* * *

Fassman, professor de ciencias ocultas e *miss* Dayka voltaram quarta-feira ao nosso teatro, onde em novas experiencias de transmissão de pensamento e clarividencia, causaram sucesso.

A casa achava-se repleta de espectadores—à *cunha*.

IMPRENSA

Mundo Columbófilo

Saiu no Porto o primeiro número dum quinzenário assim intitulado, que se diz órgão das colectividades columbófilas de Portugal.

Longa vida.

Lenha de pinho e de eucalipto

Devem considerar-se suspensas as suas requisições,dadas as circunstâncias actuais e no desejo de satisfazer o mais rapidamente possível os pedidos apresentados pelos Grémios da Lavoura—despachou o sr. Ministro da Economia.

Para que conste.

Ordem pública

Uma nota oficiosa do Govêrno:

Dentro do plano de agitação comunista aludido em notas anteriores e completamente gorado no meio operário, tem-se verificado certa efervescencia em alguns meios académicos de Lisboa como manifestações de flagrante indisciplina. Estas tomaram até agora como pretexto a prisão de alguns estudantes envolvidos em actividades atentórias da segurança do Estado.

Para que não possa ser iludida a boa fé dos que outros pretendem arrastar para movimentos de descabida solidariedade, o Govêrno denuncia oficialmente esses manejos e salienta que é do seu estrito dever garantir a tranquilidade da vida nacional.

E garanti-la-á. Não hesitando, portanto, em recorrer às mais enérgicas medidas para assegurar a regularidade dos trabalhos escolares e confia no espírito e decisão de que já tem dado provas a grande massa dos estudantes.

O Concurso Pecuário

Foi muito concorrido, tendo-se apresentado a disputar os valiosos prémios—taças e dinheiro—grande número de animais que, por completo, encheram o recinto onde se realisou o certamen, promovido pela Câmara com a orientação tecnica da Direcção Geral dos Serviços Pecuarios.

Alguns nomes de criadores contemplados: Nuno Pinto Basto, Manuel Tavares Ruela, João Augusto de Almeida, Frederico Vanzeler, Joaquim da Fonseca Jacó, Manuel Marques Mostardinha, Elias Cruz, Luís Paixão, dr. Pompeu Cardoso, Maria Rodrigues Vieira, João Pericão, António Ferreira Borralho, António Fernandes Rangel, Alfredo Estêves, Agostinho Gonçalves Rei, Manuel Vieira Matias, José Vieira dos Santos, João Simões da Rocha, Manuel Maria Teixeira e José Luís da Rocha.

Ficou apurado existirem já em Aveiro e sua região, vacas taurinas holandesas que dão por lactação de 300 dias mais de 6.000 litros de leite!

Importante.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$0C
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Confraternização

Aproveitando a data do 1.º de Maio foi inaugurado na conceituada alfaiataria do sr. Armando Brito uma fotografia de todo o pessoal, sendo nessa altura servido um fino *copo de água*, onde entrou o delicioso *Diamante Azul* das caves do *Barrocão* e durante o qual Manuel Limas Correia e António Ferreira de Melo enalteceram os predicados daquele industrial e de sua esposa.

Festa simpática entre patrões e operários, tivemos ocasião de apreciar a amizade existente entre todos, o que é deveras consolador.

Agradecimento

A família Fortuna Pinto agradece, muito penhorada, a todas as pessoas que se incorporaram no funeral de Ana Fortuna Pinto, realisado em 21 do corrente mez, pelas 19 horas, do Hospital da Misericórdia para o novo cemitério desta cidade.

Agradecimento

A viúva e demais família do falecido Estêvão Rebêlo de Almeida manifestam por esta forma a sua gratidão às pessoas que na doença que o vitimou se interessaram pelo seu estado e depois o acompanharam à última morada ou que de qualquer outra forma se associaram ao luto dos doridos.

Aveiro, 26 de Abril de 1947.

Aos anunciantes de "O Democrata,,

A quem tiver de anunciar nas colunas deste jornal roga-se a fineza de enviar à Redacção os respectivos originais, o mais tardar até ao meio dia de quinta-feira, a-fim-de evitar atrazos na sua confecção, visto ter horas certas de entrar na máquina e de ser enviado, depois de impresso, para o correio.

Atenção, pois, srs. anunciantes!

Livros

O Livro das raparigas

Antes de mais nada há que elogiar a iniciativa e a intenção dessa admirável antologia que se intitula *O Livro das Raparigas* e é dirigida por Mariália.

As raparigas portuguesas necessitavam bastante destes volumes de leitura seleccionada e construtiva, em que aprendem a conhecer melhor a vida, sem ser preciso recorrer a realismos exagerados ou a escabrosidades imorais. *O Livro das Raparigas* —de que saíu agora a 4.ª série e que nos promete já, para muito breve, novo volume—tem vindo oferecendo às suas leitoras trechos escolhidos dos melhores escritores mundiais, como Pearl Buck, Louis Bromfield, Vicki Baum, Selma Lagerloff, André Maurois, Grazia Deledda, Sally Salminen e muitos outros.

Assim—essa notável colecção de antologia reveste-se dum mérito extraordinário não só para o interesse dos seus leitores, que os deve ter —e muitos!

E uma das facetas mais curiosas e mais simpáticas de *O Livro das Raparigas*—é uma secção especial, dedicada aos escritos de tantas as raparigas portuguesas e em que Mariália vai aconselhando e revelando novas poetisas e novas prosadoras.

Basta isso para fazer destes volumes uns volumes desejados em todas as bibliotecas.

Edições Romano Torres ao lançar no mercado a antologia *O Livro das Raparigas*, organizado por Mariália, prestou um grande serviço, incontestàvelmente, ao público ledor do nosso país. Bem haja por isso.

NECROLOGIA

No Hospital sucumbiu, depois de doloroso sofrimento, Ana Fortuna Pinto, que foi sepultada no cemitério sul.

Era solteira, natural da Covilhã, contando apenas 36 anos de idade.

* * *

Em Barbacena (Elvas) finou-se a semana passada, com 86 anos, a veneranda mãe do nosso amigo tenente António Pedro Carretas, chefe dos serviços de contabilidade do regimento de Cavalaria 5, que ao receber a triste notícia seguiu para aquela localidade a-fim-de lhe prestar a última homenagem.

Acompanhamo-lo, bem como a sua estremosa família, na sua dôr.

* * *

Em Avanca deixou de existir o juíz de Direito, aposentado, sr. dr. Artur de Oliveira Valente, que na nossa comarca exerceu, durante alguns anos, essas funções com a maior correcção.

Tinha 68 anos e era solteiro.

Sentimos.

Visitai o Parque da Cidade

Câmara Municipal de Aveiro

Concurso público para a adjudicação da tarefa de pavimentação a macadame da estrada (1.ª fase) de Verdemilho à Quinta do Picado, na freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro.

ANUNCIO

Faz-se público que no dia 26 do mez de Maio de 1947, durante a reunião da Câmara, se procederá ao concurso público para a adjudicação da tarefa de pavimentação a macadame da estrada de Verdemilho à Quinta do Picado (1.ª fase), na extensão de 1.630 metros.

Base de licitação . . 140.000$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito o depósito provisório de 4.500$00 na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência até à véspera do concurso.

O programa do concuso, caderno de encargos e respectivo projecto estão patentes todos os dias úteis das 11 às 17 horas, na Repartição dos Serviços Tecnicos desta Câmara.

Aveiro e Paços do Concelho, 28 de Abril de 1947.

O Presidente da Câmara,
ALVARO SAMPAIO